

'TE EXTRAÑO, CARIÑO': uma
pesquisa simpoiética, em
movidas de curiosidade, cuidado
e cura.



Dra. Ana Freitas Kemper

Resumo

‘te extraño, cariño’ é uma pesquisa simpoiética, realizada entre mulher e plantas infiltradas em espaço doméstico. O encontro com as plantas não se deu por familiaridade, mas sim pelo estranhamento. O estranhar foi a força motriz que me deixou em translação ao redor das plantas. Elas que me mostraram que natureza humana é interespecie, ainda que uma tradição euro-antropocêntrica queira insistir que não. Em tempos de devastação e crises climáticas extremas, neste momento que talvez tenhamos atingido o ponto de não retorno, as alianças interespecies parecem ser a maneira de viver e morrer com dignidade: te ‘extraño, cariño’ é uma pesquisa que começa em ambiente doméstico, talvez o mais saturado do capitaloceno. Extrañar as plantas, revelar um outro ponto de vista do que a simpoiésis faz acontecer também é maneira de pensar a pesquisa como modo de curiosidade e cuidado interespecie, ampliando no campo político-estético, reflexões sobre outros modos de produção de conhecimento.

Palavras-chave: interespecies, simpoiese, fitolinguística, ecofeminismofitolinguística, ecofeminismo, escrita de artista

Abstract

‘te extraño, cariño’ is a sympoietic research project between a woman and plants infiltrating her domestic space. The encounter with the plants was not one of familiarity, but of strangeness. Strangeness was the driving force that kept me moving around the plants. They showed me that human nature is interspecies, even if a Euro-anthropocentric tradition insists otherwise. In times of devastation and extreme climate crises, at a time when we may have reached the point of no return, interspecies alliances seem to be the way to live and die with dignity: ‘te extraño, cariño’ is a research project that begins in a domestic environment, perhaps the most saturated of the Capitalocene. Extranging these plants, reveals another point of view of what sympoiesis makes happen. It is also a way of thinking about research as a mode of interspecies curiosity and care, broadening reflections on other modes of knowledge production in the political-aesthetic field.

Keywords: interspecies, sympoiesis, phytolinguistics, ecofeminism

Resumen

‘te extraño, cariño’ es un proyecto de investigación simbiótica entre una mujer y las plantas que se infiltran en su espacio doméstico. El encuentro con las plantas no fue de familiaridad, sino de extrañeza. La extrañeza fue la fuerza motriz que me hizo viajar alrededor de las plantas. Me mostraron que la naturaleza humana es interespecies, aunque una tradición euroantropocéntrica insista en lo contrario. En tiempos de devastación y crisis climáticas extremas, en un momento en el que quizá hayamos alcanzado el punto de no retorno, las alianzas interespecies parecen ser la forma de vivir y morir con dignidad: ‘te extraño, cariño’ es un proyecto de investigación que comienza en entorno doméstico, quizá el más saturado del Capitaloceno. Extrañar las plantas, revelando otro punto de vista de lo que la simpoiésis hace acontecer, es también una forma de pensar la investigación como modo de curiosidad y cuidado interespecies, ampliando las reflexiones sobre otros modos de producción de conocimiento en el campo político-estético.

Palabras claves: interespecies, simpoiesis, fitolinguística, ecofeminismoPalabras

'TE EXTRAÑO, CARIÑO': uma pesquisa simpoiética, em movidas de curiosidade, cuidado e cura.

Por Ana Freitas Kemper

anakemper@gmail.com
Doutoranda em Artes no Programa de Pós Graduação Estudos Contemporâneos das Artes (PPGAC)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

I. Prelúdio

Em 2019, iniciei a pesquisa de mestrado em artes da cena, cerca de vinte anos depois de concluir a graduação em medicina. Alguns percalços e decepções com os modos de pesquisa na área das ciências da saúde esfriaram meu desejo inicial de seguir carreira como médica pesquisadora. Apesar desse desvio, nunca me afastei da clínica, mesmo com muitas críticas ao modelo da biomedicina. Se sobrevivo clinicando há tanto tempo, foi por me avizinhar a outras racionalidades médicas (1) como a medicina chinesa, práticas que se mantêm vivas e florescendo às margens das pesquisas e práticas clínicas centradas exclusivamente numa biomedicina positivista fortalecida na modernidade como científica. Dez anos antes do mestrado, me interessei por fotografia. Com uma câmera fotográfica na mão fui, distraidamente, me tornando artista. A câmera logo foi substituída pelo celular. Era a única maneira do trabalho acontecer: enquanto a vida seguia, nas brechas entre a clínica, o trânsito pela cidade, os

empregos, a maternidade, o cuidado com a casa. Aos poucos, fui incorporando outras mídias como o vídeo, a escrita e a poesia, a performance; olhando retrospectivamente, o que eu vinha fazendo com as imagens, já era um tipo de pesquisa, mas eu não saberia traduzir assim naquele momento.

Durante o mestrado, as plantas se infiltraram em minha casa, ainda antes da covid-19 instaurar seu tempo espesso e nebuloso de pandemia. Acolhendo atravessamentos planetários e domésticos nas dinâmicas de arte-vida-pesquisa, decidi ficar com o problema (2); abri espaço para lidar o estranhamento que as plantas me causaram de chegada; eu intuía que essa conversa interespecies faria uma bagunça na pesquisa, mesmo no campo da arte, o fantasma da objetividade segue à espreita. Mas, se justo quando pesquisava dinâmicas de arte e vida de algumas artistas mulheres, como poderia ignorar tudo que vinha acontecendo a partir do estranhamento

que me deixou em translação ao redor das novas companheiras vegetais?



Imagem 1 – Kemper 2021 – cartaz da exposição ‘te extraño, cariño’ – acervo de artista

Neste exercício de estranhar em translação, surgiu ‘te extraño, cariño’, uma pesquisa interespecies e simpoiética (3) que frutificou em uma

série de imagens fotográficas, em poemas, em vídeo-performances, instalação sonora, livro de artista, exposição. Disso tudo, surgiu ainda uma reflexão sobre os modos de pesquisar e estar no mundo após essa transformação radical que o encontro com as plantas me causou.

II. Extrañar

Ainda lembro da primeira imagem que nomeou ‘te extraño, cariño’: nela, a recém-chegada pitaya estendia seus ramos em direção à avelós da minha varanda. A pitaya é uma planta de origem mexicana; a avelós, africana; meus ouvidos humanos são brasileiros e só entendem português; meus olhos estavam recém chegadíssimos ao planeta-planta instaurado dentro de casa; eu estranhava tudo. Estranhar foi como força motriz que me pôs em translação ao redor das plantas: antes, não havia antes a menor intimidade entre mim, mulher urbana e os seres

vegetais que não estivessem na geladeira. Fotografei a cena de estranhamento coletivo. Quando a imagem apareceu na tela do celular e se apresentou pelo nome: ‘te extraño, cariño’.



Imagem 2 – Kemper, 2021: ‘te extraño, pitaya’: acervo da artista

Repara aqui mesma origem etimológica de estranho e estrangeiro.

Ao estranhar algo, me acontece quase sempre de ficar sem palavras. Da impossibilidade de achar palavra para traduzir esse estranhamento interespecies, fui registrando imagens que foram surgindo, ora como fotografia, ora

como poema. Era preciso criar uma linguagem nova para dar conta.

Foi na língua arte que consegui ferramentas para me aventurar nessa tradução do indizível, justo porque a arte acolhe manchas, borrões, indefinições e torções com significados paralém do familiar.

a arte quase sempre é uma língua estrangeira (4).

Em março de 2024, após cinco anos depois do início de ‘te extraño, cariño’, fui conhecer o México. Várias das espécies vegetais que colaboram com a pesquisa tem origem mexicana; as plantas encorporaram um chamado que o México já me havia feito, pelas palavras da poeta estadunidense Audre Lorde, escritas em companhia dos vulcões Popocatepetl e Iztaccíhuatl. Este emaranhado de plantas, poesia e vulcões me criou um roteiro incomum de viagem: comecei por Cuernavaca, cidade onde Lorde viveu com os vulcões. Eu queria vê-los de perto. A

atividade vulcânica de Popó, no entanto, manteve uma cortina de fumaça pairando no ar, que não me permitiu ver, mas respirá-los, ao longo de toda minha estadia

Em Cuernavaca, fui a casa de uma amiga para uma última - e frustrada - tentativa de ver os vulcões. Mesmo da janela com a vista mais privilegiada de Popó e Izta, só se via fumaça. Antes de me afogar no seco da frustração, uma história dessa amiga me caiu como dádiva: sem saber ainda de ‘te extraño, cariño’, ela me contou que só aprendeu a língua espanhola a fundo, quando aprendeu português quando viveu no Brasil. “Vocês usam o verbo estranhar para dizer que não reconhecem mais algo ou alguém. Até então eu só conhecia extrañar como sentir falta, em espanhol mexicano; ao estranhar extrañar na língua portuguesa, descobri que seus outros sentidos cabem em castelhano: extrañar, para nós, também significa perder a familiaridade, se desentender, achar estranho, mas não sabia disso.”

Quando a presença esfumaçada dos

vulcões passou a se infiltrar nessa escrita, me deixei conduzir pela névoa vulcânica sem saber onde ela me levaria. Ao me embrenhar nessa memória de Popó e Izta, percebi, ainda que sem nitidez, uma das qualidades de presença em comum entre vulcões e plantas: ainda que não as notemos, as respiramos.

Se por toda vida aprendi a atmosfera como uma qualidade geológica da Terra, pela convivência estranhada com as plantas, entendi que é pela atividade delas que a proporção de todos gases que constituem a atmosfera fica mantida neste planeta (5). É esta proporção estranha entre os gases que torna possível a vida de seres aeróbicos como nós.

Não é estranho levar tanto tempo para notar que respirar é uma atividade interespecies?

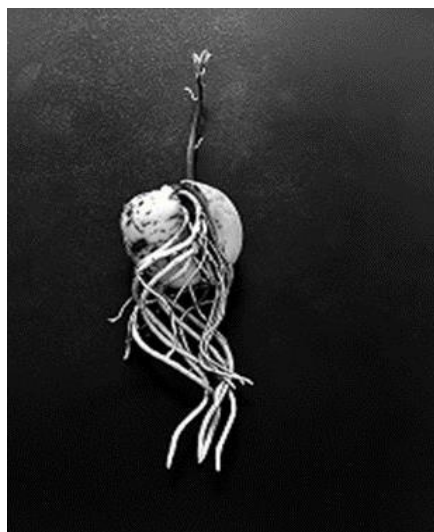


Imagem 3: Kemper 2021, te extraño, abacate – acervo da artista

III. Cariño

Extrañando o significado mais comum de ‘te extraño, cariño’: sinto sua falta, querida; proponho mais uma torção para que a expressão soe, em um bom portunhol, mais como ‘te estranho, amor’.

Amor, porque sem vergonha científica nenhuma, é o que brota deste estranhamento: não o amor romântico resultante de uma monocultura afetiva ou intimidade doméstico-colonial que acha feio - ou mal vê - o que não é espelho.

mas um amor que nasce do extrañar uma folha de fortuna:

sabe lá

o que é

pôr raízes pelas bordas?

do extrañar a espada de são jorge:

um fragmento da folha apenas

(mais um pouco d’água)

sabe com o tempo

ser planta inteira

ou o sabor doce da camomila:

é tanta culpa que

(seu gosto)

não me desce à goela

extrañar ainda curas sanguíneas e amargas em folhas verde veludo do boldo



Imagem 4: kemper, 2021: te extraño, pau sangue acervo da artista

“Poderíamos pensar no mutualismo como uma forma de amor?” (6)

Esta é uma pergunta que Anna Tsing se faz, pensando junto com cogumelos, mas não só: com todos os emaranhados que se formam com eles: suas florestas, árvores companheiras, cientistas, coletores, consumidores. Talvez se esticarmos esse mutualismo até soar como simpoiese, esse tipo complexo, dinâmico, responsivo, situado e histórico de intimidade entre estranhos, como nos explica Donna Haraway (7), mutualismo e carinho, se traduz, nesta pesquisa, como amor.

Um amor resultante do cultivo da diferença e da diversidade entre os corpos envolvidos; da disponibilidade de atenção, aproximação, cooperação e responsabilidade (8) entre seus seres emaranhados, ainda que não se fale a mesma língua: em ‘te extraño, cariño’ tem esse amor. E como rimar amor e pesquisa sem que isso soe como precário, inconsistente ou pouco objetivo em tempos de produtivismo acadêmico?

O antropólogo Tim Ingold sugere como possibilidade as ciências

correspondentes, as quais contrapõem às ciências da objetividade. Ingold mergulha na etimologia da palavra pesquisa para enxergar a sua relação com curiosidade e cuidado, revelando os modos duros e produtivistas de pesquisas que valorizam o distanciamento e desvinculação em nome de objetividade, clareza, do impacto e da inovação.

Em sua fala busque e busque novamente: sobre o significado da pesquisa em arte (9), Ingold sugere que a pesquisa em arte, por ser uma movida de curiosidade, abarca cuidado, amor, proximidade e dádiva em seus modos e resultados. O antropólogo sugere que observar os modos da pesquisa em arte pode ser um caminho para curar a ciência de sua doença da objetividade produtivista, retomando a pesquisa científica ao seu modo original, o experimental. No lugar de original, eu diria ao seu modo amador.

IV. Pesquisa

Em uma correspondência entre as artistas-pesquisadoras Eleonora Fabião e Izabela Pucu, encontrei uma certa tradução do estranhamento como forma de cuidado: Achar algo estranho é uma forma de dar atenção, de reparar no que este estranho-estrangeiro tem a contar. Sobre si e sobre mim, quando nos abrimos um para o outro em nossas diferenças. Se nessas cartas Fabião diz “estranhar é cuidar” (10). Eu digo aqui: estranhar é pesquisar.

Se estranhar como modo de pesquisa eu aprendi com as plantas, a ideia da ciência como tradução me chegou por Anna Tsing, seguindo seu cogumelo do fim do mundo, Tsing discute o mito da internacionalização da ciência, no qual todos aqui fomos ensinados a acreditar. Como a antropóloga escreve em inglês, não tenho como inferir se, para ela, faz algum sentido pensar a ciência mais como translação do que como tradução, como me fez sentido no encontro com as plantas, mas posso ficar com essa mancha intraduzível, entendendo-a mais como junção do que como desajuste, usando conceitos da

própria autora. Movida pelo estranhamento, a pesquisa foi se fazendo em translação e tradução ao mesmo tempo: ideia de livro surgiu processualmente, para acolher materiais-fruto da simpoiése com as plantas: um livro grávido de imagens em estado de performance, imagens deste amor estranhado. Fazer com elas um livro de artista, e não em um herbário botânico foi o modo de borrar ainda mais essa fronteira entre pesquisa e poesia, teoria e prática, arte e ciência, natureza e cultura.



Imagem 5: Kemper, Carneiro 2021 – projeto gráfico da capa do livro *te extraño, cariño*, 2022
livro de artista - autopublicação teste
24 cópias numeradas e assinadas:
<https://vimeo.com/686073977>

V. Interespécie e Transdisciplinar

Já perdi a conta de quantas línguas já pusemos na sacola para compor essa escrita: poesia, vulcão, espanhol, português, atmosfera, plantas, inglês, ciência, cogumelo, imagem; podemos seguir acomodando nessa bolsa ainda outras línguas antes do final desta escrita, ainda que não seja fluente em mais de uma delas. Se revelou a sacola da pesquisa agora, é para convocar Ursula K Le Guin e seu ensaio “a teoria da bolsa da ficção” (11), e também pela fabulação: “a autora das sementes das acácias”, ambos lidos através de Donna Haraway.

Haraway vai até Le Guin com sua sacola, em busca de fabular de uma versão fitolinguística da autora das sementes das acácias, ainda incompreendida pelos therolinguístas (12) que concentravam seus esforços para entender a língua das formigas. Decifrar a língua das plantas parece mais desafiador para humanos zoocentros, mas Haraway insiste:

“as plantas são comunicadoras perfeitas numa vasta gama de modalidades terrenas, produzindo e intercambiando significados em meio a uma impressionante galáxia de associados que atravessam táxons de seres vivos. Assim como bactérias e fungos, as plantas são linhas de vida que comunicam os animais com o mundo abiótico, do Sol aos gases, e às rochas”



Imagem 6: Kemper, 2021 ‘te extraño, cariño’ acervo da artista

Eu não espero que ‘te extraño, cariño’ seja uma tradução fitolinguística stricto sensu, acredito nela como simpoiética e

capaz de terraformar espaços com o húmus que escorre de suas palavras, imagens e estórias para que mais pesquisadores interespecies e transdisciplinares possam florescer paralém do solo árido e fragmentado arado pela objetividade. Ainda é de praxe no pensamento da ecologia contemporânea, mesmo no auge de mudanças climáticas extremas, realçar atitudes preservacionistas que reforçam as separações entre cultura e natureza, organismo e linguagem. Reparem que, historicamente, foi mais fácil nomear espécies vegetais como invasoras, do que chamar de invasores os humanos colonizadores que aqui desembarcaram com seu projeto de devastação colonial.

Se eu não tenho credencial para falar junto com as espécies companheiras ou nos fazer sermos ouvidas no campo da ecologia preservacionista, mantenho essas conversas e suas traduções incertas, fazendo nas margens onde sempre estiveram a experimentação e a poesia.

VI. movidas de curiosidade, cuidado e cura.

Se Tim Ingold sugere que a pesquisa em arte pode contribuir para que a ciência se reinvente em seus modos de estar e agir no mundo, espero as estórias de ‘te extraño, cariño’ sejam capazes de chamar ainda mais outras gentes humanas a perceber sua natureza interespecies e interdependente. E se essas gentes sensibilizarem seus sentidos para as línguas das outridades mais que humanas, talvez ganharemos juntos um pouco mais de dignidade interdependente do que o mito da superioridade humana vem nos oferecendo.

Eu ainda não falo a língua das plantas tampouco dos vulcões. Mas já não posso mais deixar de pensar-falar-viver junto-com e pesquisar com eles.

Agora, 25 anos depois de ter deixado o laboratório de biologia celular do departamento de biofísica na faculdade de ciências médicas da UERJ, onde fui bolsista de iniciação científica, começo a elaborar alguns dos problemas que me

geraram desconforto e me fizeram abandonar a pesquisa científica.



Imagem 7: Kemper, 2021 ‘te extraño, orquídea’: acervo da artista

Consigo agora pois no campo da arte, conheci minhas companheiras intra e interespecies e aprendi com elas a ter um pouco mais de maturidade para ficar com o problema. As estórias de matar e destruir são abundantes, as outras

estórias que compomos com nossas sacolas-pesquisas, não vão acabar com elas; mas intuo que possamos seguir contaminando o que resta com a diversidade de nossas palavras-semente. Quem sabe elas brotam?

Notas

(1) Luz, Madel. 2012

(2) Haraway, Donna. 2023: nome do livro com qual diálogo por toda a pesquisa.

(3) Haraway, Donna. 2023: Conceito que a autora constrói em diálogo com a pesquisa de Lynn Margulis em contraponto a autopoiesis, que aparece nas pesquisas de Felix Guattari e, também, de Humberto Maturana. A autora sugere simpoiesis para reforçar que a produção de vida se faz junto com outros seres e não de forma autônoma ou individual

(4) In: Yenawine, 1991: tradução livre

(5) Coccia, Emanuelle. 2018: o autor demonstra todo um pensamento atmosférico também resultante de sua convivência com as plantas numa escola agrícola durante sua juventude, elaborado neste livro quase quarenta anos após. É preciso tempo para processar e traduzir muitas das coisas que as plantas têm a nos dizer.

(6) Tsing, Anna. 2015. A autora pensa essa pergunta feita por um pesquisador dos cogumelos Matsutakes observando a íntima relação interdependente entre esse fungo e as raízes de carvalho.

(7) Haraway, 2023.

(8) Haraway, 2023. Conceito que a autora constrói mostrando a objetividade almejada pela ciência, nos desresponsabiliza em relação àqueles com quem pesquisamos e vivemos. Haraway sustenta que o cuidado e a atenção interespecies acontece por sermos respons-háveis, uns com outros, ou seja, que tenhamos habilidade de responder uns aos outros.

(9) Ingold, Tim. Search and Search again – on the Meaning of Research in Art, 2018 disponível em: <https://soundcloud.com/cca-glasgow/tim-ingold-search--and-search-again-on-the-meaning-of-research-in-art> acessado em 02/01/2022

(10) Fabião, Pucu. 2021

(11) La Guin, 2021: a autora defende que a ficção pode ser como uma sacola onde

vamos colocando matérias que coletamos para compor nossas escritas. Aqui defendo que a pesquisa também pode ser uma bolsa ou sacola, onde vamos carregando nossas experiências com matérias que nos fazem pensar e buscar respostas para questões que surgem com essas matérias.

(12) Le Guin, 2012: em a autora das sementes da acácia fala da sociedade de therolinguística, que seriam estudiosos das línguas de outros animais, como formigas. Neste texto, Le Guin mostra que mesmo os sensíveis therolinguistas não dão conta ainda de decifrar uma língua vegetal, definindo a fitolinguística como uma forma de arte e não de linguagem

(13) Haraway, 2023.

Referencias

Coccia, Emanuelle. A Vida das Plantas: Uma Metafísica da Mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

Fabião, Eleonora; PUCU, Izabella. Correspondência 3. In: Revista Presente, n. 2, p. 32-54, agosto de 2021. Disponível em: <https://presentepresente.com>, Acessado em: 30 dez. 2021.

Haraway, Donna. Ficar com o Problema: Fazer parentes no Chthuloceno. São Paulo: N-1 edições, 2023.

Ingold, Tim. Search and Search again – on the Meaning of Research in Art, 2018 disponível em: <https://soundcloud.com/ccaglasgow/tim-ingold-search-and-search-again-on-the-meaning-of-research-in-art> acessado em 02/01/2022.

Le Guin, Ursula. A autora das sementes de acácia e outras passagens da sociedade de Therolinguística. Disponível em <<https://kinobeat.com/wp-content/uploads/2021/09/Traducao-oficial-A-autora-das-sementes-de-acacia-.pdf>> acessado em 12/11/24

Le Guin , Ursula. A Teoria da Bolsa da Ficção. São Paulo: N-1 edições, 2021.

Luz, Madel Terezinha; BARROS, Nelson Filice de. Racionalidades Médicas e Práticas integrativas em saúde: estudos teóricos e empíricos. Rio de Janeiro: Cepesc / Ims / Uerj / Abrasco, 2012, 360 p. Disponível em: <https://lappis.org.br/site/racionalidades-medicas-e-praticas-integrativas-em-saude-estudos-teoricos-e-empiricos/4599> Acessado em: 07 dez. 2021.

Tsing, Anna. The Mushroom at the End of the World: on the Possibility of Life in Capitalist Ruins. New Jersey: Princeton University Press, 2015.

Yenawine, Philipp, How to Look at Modern Art. Nova York: Harry Abrams Inc Publishers, 1991